

Ordem, exotismo e raça – representações “do outro” num museu da província prussiana (1854 – 1943)

Order, exoticism and race – representations of “the other” in a prussian provincial museum (1854-1943)

Wolfgang Döpcke*

Resumo: O presente artigo analisa as exposições públicas do acervo etnológico do *Landesmuseum Hannover*, principal museu da cidade de Hanôver, Alemanha, durante o período entre 1854 e 1943. Considerando cinco contextos históricos distintos, procura-se mostrar como o museu construiu e atribuiu significados aos objetos etnológicos em exposição - e com isto, ao mundo -, através da sua prática museológica. Este complexo e multidimensional processo de significação aconteceu na interação entre a materialidade do objeto, seu ambiente físico (o museu), as intenções do curador, o público e a sociedade em geral, com suas idéias e seus discursos. Os veículos e as estratégias de significação variavam no período pesquisado. Inicialmente, da virada do século até a Primeira Guerra Mundial, criou-se, quase inconscientemente, uma “prisão” classificatória para os objetos, simbolizando a subjugação colonial desta época. Nas décadas de 1920 e 1930, os curadores construíram muito conscientemente, através das encenações museais, leituras específicas nas exposições, tanto nas exposições das “Artes Exóticas” ou naquela dos objetos da Oceania dos anos 1920, quanto nas exposições coloniais dos anos 1930. Finalmente, através de uma estratégia verbal, introduziu-se a categoria “raça” como a vertente hegemônica de leitura em 1939. O trabalho destaca também o impacto do ambiente físico imediato, isto é, o próprio museu com suas outras exposições, suas migrações temáticas e ideológicas e, naturalmente, os discursos hegemônicos na sociedade alemã, sobre a construção do significado dos objetos etnológicos.

Palavras-chave: Museu Etnológico, Alemanha, Exposições, significação dos objetos

Abstract: This article analyzes the public exhibitions of the ethnological collection of the *Landesmuseum*, the main museum of the city of Hannover, Germany, during the period between 1854 and 1943. Considering five distinct historical contexts, it demonstrates how the Museum, through its museological practice, assigned meanings to its ethnological objects, and at the same time, constructed specific ideological world views. This complex process of “signifying practice” reflects a multidimensional interaction between the material presence of the object, its physical environment (the museum), the intentions of the curators, and society in general, with its ideas and discourses. The strategies, methods and impacts of this signifying practices varied substantially during the period studied in this article. Initially, from the turn of the century until the First World War, the museum created almost unconsciously, by its “scientific” classification and overcrowded presentation, a “classificatory prison” for the masses of ethnological objects, symbolizing the real subjugation of “the other” during the colonial era. By contrast, the presentation of the objects during the 1920s and 1930s, both in the exhibition of “Exotic Arts” or of objects from Oceania and in the colonial exhibitions during the 1930s, followed clearly reflected didactical objectives, ranging

* Universidade de Brasília. Doutor em História Contemporânea. O autor agradece ao colega Arthur Assis pela ajuda com a língua portuguesa.

from “exotic liberties” to “colonial revisionism”. In 1939, mainly through a verbal strategy of presentation, the Museum introduced the paradigm of “race” as the principal thread of meaning of its ethnological objects. To understand the construction of meanings of ethnological objects, the work also highlights the impact of the immediate environment, that is, the encounter between the ethnological objects with the other thematic exhibitions in the heterogenous *Landesmuseum*.

Key words: Ethnological collections; Germany; exhibition, meaning of ethnological objects.

1 Introdução

Este trabalho discorre sobre as exposições do acervo etnológico do museu principal da cidade de Hanôver, Alemanha, durante o período entre 1854 e 1943. Durante esses anos, o museu foi renomeado por quatro vezes (*Vereinsmuseum* – Museu da Associação – em 1854; Museu da Arte e da Ciência em 1856; *Provinzialmuseum* – Museu Provincial – em 1886; e, finalmente, *Landesmuseum* – Museu do Estado – em 1933). Em três ocasiões também a sua localização foi alterada. O museu começou a expor seu acervo em um pequeno espaço, em uma casa alugada. Posteriormente, em 1856, ganhou novo prédio especificamente construído para as suas finalidades museais (figura 1). Em 1902, mudou-se enfim para um novo edifício, onde se encontra até hoje (figura 2). Adicionalmente, o acervo etnológico foi apresentado entre 1935 e 1938, no contexto de uma “exposição colonial”, no antigo castelo da cidade (*Leineschloss*).

As exposições a serem analisadas neste trabalho aconteceram em cinco contextos políticos bem distintos. No primeiro período, a cidade de Hanôver ainda era a capital e a cidade residencial do Reino de Hanôver. Depois da guerra austro-prussiana de 1866, o Reino de Hanôver se transforma em província prussiana e a cidade de Hanôver, em sua capital desta. Depois de 1871, o contexto político é constituído pela Alemanha Imperial e, a partir de 1918, pela República de Weimar. No final do período pesquisado, depois de 1933, o Estado nacional-socialista de Adolf Hitler governa a Alemanha.

O museu tem as suas origens nas atividades colecionadoras de três associações culturais burguesas da cidade: a Associação pela História da Baixa Saxônia, a Associação de História Natural de Hanôver e a Associação pelo Acervo Público das Artes¹ (SCHNELL, 1858). O seu início, em 1854, vincula-se a um breve momento de crescente autoconfiança da burguesia, ao seu poder e orgulho e à emancipação

¹. Historischer Verein für Niedersachsen, Naturhistorische Gesellschaft, Verein für die öffentliche Kunstsammlung.

burguesa em relação à hegemonia (cultural) da aristocracia. Neste sentido, o Museu compartilha as suas origens com muitos outros museus da época. Porém, os antagonismos entre a burguesia da cidade e a classe aristocrata não eram tão significativos, e logo se buscava uma aproximação com o Reino de Hanôver e seu Rei. O que poderia constituir uma manifestação cultural de independência burguesa junto ao mundo aristocrático se transforma rapidamente num símbolo do compromisso entre as duas classes. O Rei de Hanôver começou a contribuir com doações e empréstimos de objetos e também financeiramente. Depois de 1866, o Estado da Prússia e sua administração provincial sustentavam substancialmente as atividades do Museu. Finalmente, em 1886, as três associações desistiram da sua criação e o museu se tornou uma instituição do Estado sob a denominação de Museu Provincial².

O museu, portanto, não se projetou como uma marca significativa e duradoura da autoconfiança burguesa em oposição à aristocracia. Também não se transformou em um símbolo cultural anti-prussiano depois da derrota do Reino de Hanôver em 1866, apesar da forte presença das coleções reais da Casa de Hanôver no seu acervo. Pelo contrário, da mesma maneira como a burguesia facilmente se adaptou à dominação pela Casa dos Hohenzollern, comemorando até as conseqüências econômicas (depois de 1866, a cidade de Hanôver se encaminhou firmemente para a industrialização), os queixumes dos Guelfos desentronizados e dos seus correligionários pequeno-burgueses não os levaram a escolher o museu como centro de resistência anti-prussiana, ou como um referencial nostálgico da época em que Hanôver era independente politicamente. Todavia, até os anos 1920, os descendentes do Rei de Hanôver se consideravam donos de partes substanciais das coleções do museu e a antiga casa real exerceu uma influência nada benéfica sobre a política de exposições do museu.

Em 1886, o museu perdeu a sua independência cívica e foi assumido pelo Estado prussiano e assim se juntou à crescente categoria de museus provinciais (“provincial” se refere às províncias prussianas). Os *Provinzialmuseen* são produtos marcantes da paisagem política e cultural do século XIX. São museus que devem a sua existência a um conjunto de tendências sociais amiúde contraditórias: a democratização da cultura e dos museus; o patriotismo e as identidades nacionais e regionais; o papel de história e da cultura na formação de identidades coletivas; a interação complexa entre burguesia e aristocracia; e, por último, a relação do Estado prussiano com as suas províncias. Uma vez que as suas coleções são de origens

² Para a história da cidade de Hanôver e do Museu Provincial ver: Mlynek e Röhrbein, 1994; Katenhusen, 1952.

muito diversas, refletindo ainda com freqüência o caráter universal das coleções aristocratas dos séculos anteriores, os Museus Provinciais e seus sucessores no século XX, os Museus do Estado (*Landesmuseen*), não representam um tipo temático único de museu. Pelo contrário, os museus provinciais eram muito heterogêneos. Coexistiram em grande número (havia em torno de 15 deles no território prussiano) com os museus temáticos existentes à época. Dividido nesta heterogeneidade das coleções a idéia de uma divisão de trabalho entre o Museu Nacional Germânico de um lado, cuja temática seria a história cultural *nacional*, e os museus provinciais com foco somente na cultura *regional*, de outro lado, não se realizou na prática (SCHERER, 1913; BEESKOW, 1974; BODE, 2006; HOCHREITER, 1994; CORDIER, 2003).

O museu de Hanôver compartilhou essas características com os demais museus provinciais. Considerando-se a união das coleções independentes das três associações culturais como uma marca chave na constituição do acervo do Museu, o *Provinzialmuseum* não era um museu especializado. Ao contrário, era, e ainda é, um museu com uma coleção muito heterogênea, incluindo Belas Artes e História das Artes, história da região e pré-história (arqueologia regional), história natural e etnografia. Pela sua própria “identidade política”, o museu deveria ter um enfoque absoluto na região e na cultura regional, porém reuniu, em função da sua história, coleções de origem regional bem diversa.

A coleção etnográfica tem origens bem humildes e sempre representou um corpo estranho no museu. Consistia inicialmente de presentes recebidos pelo Rei, de alguns objetos das viagens de exploração científica do Capitão Cook na Oceania e de outros poucos objetos de propriedade de cidadãos comuns. Foi iniciada com cerca de 180 objetos e cresceu, principalmente depois de 1890, abastecida pela conexão colonial, para os mais de 30.000 objetos que hoje contabiliza. Em 1857, a coleção abrangia 371 peças, sendo 149 na propriedade do Rei, 54 da coleção Cook, encaminhadas do Museu Acadêmico da Universidade de Göttingen, 53 na propriedade da Associação Histórica de Baixo Saxônia e 115 eram presentes recebidos desde a inauguração da coleção (SCHNELL, 1858). Apesar do acervo etnográfico mostrar, a partir deste início bem humilde, um crescimento quantitativo extraordinário, o Museu não seguia, até recentemente, uma estratégia consciente e planejada de aquisição. O acervo cresceu principalmente em função de doações de indivíduos ligados às colônias alemãs e de (poucas) compras aleatórias no mercado etnográfico. Formou-se, portanto, a partir de uma postura de reação e de pouca iniciativa própria: não se buscavam objetos intencionalmente para compor exposições, mas, ao contrário, as

exposições foram compostas através daquilo que aleatoriamente se encontrava no acervo. Por isto, a composição temática e regional da coleção, tendo seu enfoque nas ex-colônias alemãs da África e Oceania, surgiu espontaneamente. Este enfoque regional e contextual influenciou assim substancialmente a apresentação dos objetos no museu e o seu significado.

O presente trabalho é influenciado, na formulação dos objetivos da pesquisa, por reflexões originárias da chamada “nova museologia” (KARP; KRATZ; SZWAJA; YBARRA-FRAUSTO, 2006; HALL, 1997; KAZEEM; MARTINZ-TUREK; STERNFELD; KAZEEM, 2009). Graças a estes esforços de repensar museologia e a história social dos museus e das suas exposições, estabeleceu-se a idéia de que o artefato, esta *raison d’être* do museu, não fala por si. Disso deriva a compreensão de que é o próprio museu que constrói e atribui significados aos objetos - e com isto, ao mundo -, através da sua prática museológica. Museus criam representações e atribuem valores e significados que correspondem às suas perspectivas culturais históricas, a esquemas classificatórios e a discursos conscientes e subconscientes. Um museu não apresenta simplesmente objetos na sua forma física, mas divulga idéias sobre o mundo através destes objetos. Nesta perspectiva, a representação “do outro” num museu etnológico na Europa também fala sobre a sociedade europeia e os seus os discursos e valores desta. O “outro” e seus objetos culturais colecionados em museus servem como veículo sobre como refletir acerca do lugar da sociedade expositora no mundo, e assim, sobre ela própria.

Entretanto, entender o processo de construção do significado de exposições representa na prática, como demonstra a nossa pesquisa, um grande desafio. Os significados de objetos se constroem em um contexto museológico através de complexas interações entre o curador, o público e a sociedade em geral. Assim como uma boa parte dos trabalhos da nova museologia acerca de representações típicas de museu, este trabalho reconhece as dificuldades metodológicas em analisar e interpretar a questão de como os sistemas de representação em museus foram recebidos. Deve-se principalmente à escassez de fontes específicas a dificuldade da análise do “consumo” no museu no passado. As fontes disponíveis (desenhos, fotos e, principalmente, a documentação do planejamento das exposições e das intenções dos curadores) servem bem para documentar *um* lado da interação nos museus, porém demonstram limites na compreensão do processo interativo de significação. Por exemplo, é problemático estabelecer uma linha direta entre as intenções do e a recepção da exposição pelo público. Em primeiro lugar, encontramos muitas vezes

uma imensa incoerência entre as intenções do curador e as suas realizações na prática, especialmente ao longo das eras “pré-didáticas” da história dos museus. Por exemplo, na década de 1910, quando se declarou, sob a perspectiva clássica de um evolucionismo universal, que a única razão para se exporem objetos etnológicos no museu de Hanôver seria a sua comparabilidade com os objetos da pré-história alemã, este conceito simplesmente não encontrou nenhuma implementação na prática museológica³. Pelo contrário, na época o museu foi severamente criticado por não atrelar nenhum significado compreensível aos seus objetos etnológicos e por representar mais uma “sala de lixo” superlotada do que uma instituição educacional. De outro lado, a própria superlotação do museu e os rígidos sistemas de classificação dos objetos que orientavam as exposições tiveram um impacto nas leituras sobre as quais nem o curador e nem o público refletiam, mas que representam um elemento chave na sua significação.

Em segundo lugar, as leituras dos objetos pelo público não dependem só da sua encenação nas exposições, mas também do contexto ideário geral de cada época. O mesmo objeto, exposto em contextos políticos e culturais diferentes, certamente vai ser lido diferentemente e carrega significados distintos, independentemente das intenções do curador. Neste sentido, o ambiente interpretativo que se constrói com as outras exposições no museu – e até com a própria arquitetura do prédio – contribui também para a significação do objeto etnológico. O mesmo objeto etnológico exposto ao lado de arte moderna abstrata nos anos 1920, ou ao lado de uma exposição de “higiene racial” durante a época nacional-socialista nos anos 1930, certamente dialoga diferentemente com o seu observador. Por último, embora o encontro com o objeto etnográfico se baseie nos discursos hegemônicos da época, ele também representa um ato individual que tem um grande potencial de contestação desses discursos.

Reconhecendo estas complexidades metodológicas, sugere-se aqui uma primeira aproximação interpretativa através de diálogos com os diferentes níveis e contextos de significação, considerando tanto as intenções dos curadores quanto o ambiente de museu e os contextos discursivos da sociedade em geral. Ao longo destes primeiros cem anos da existência da coleção etnológica no Museu Provincial de Hanôver, sob análise neste trabalho, cruzam-se *topoi* diversos (por exemplo: ordem, hierarquias, raça, ciência, evolução, o exótico) e contextos múltiplos: colonialismo e o revisionismo colonial, os debates epistemológicos na etnologia e, principalmente, na pré-história germânica, a entrada do

³ NStAH [Niedersächsisches Hauptstaatsarchiv Hannover] Hann. 152, Acc. 55/68 Nr. 159: Reimers para Landesdirektorium, 9.1.1910. O *Niedersächsisches Hauptstaatsarchiv Hannover* é o arquivo central do Estado de Baixa Saxônia.

pensamento nacionalista racial (*völkisch*) nas ciências sociais na Alemanha, as “liberdades” dos dourados anos 1920 e a *Gleichschaltung* (“sincronização”, “coordenação forçada”) da vida pública e acadêmica do nacional-socialismo, bem como trajetórias de indivíduos com suas convicções, resistências e oportunismos. Em seguida, apresenta-se este conjunto de *topoi* e contextos de forma sintetizada em cinco períodos.

2 Contextos e tópicos de representação 1854 - 1943

Desde o final de século XIX, e principalmente desde a inauguração do novo prédio do *Provinzialmuseum* no ano de 1902, a coleção etnográfica apresenta os objetos provenientes das culturas ultramarinas, criando representações e significações que variam bastante. São mostrados basicamente os mesmos objetos e, a partir dos anos 1920, com a mesma técnica e didática de exposição, porém os significados atrelados a esses objetos materiais representam o fator verdadeiramente dinâmico ao longo destes quase cem anos de exposição. Construiu-se um significado diferente, através da linguagem imediata, das técnicas de exposição, do contexto museológico e dos discursos na sociedade em geral. Este significado é construído, às vezes muito conscientemente pelos curadores, às vezes inconscientemente através do próprio arranjo dos objetos. Dividimos os cem anos entre a fundação da coleção e a Segunda Guerra Mundial em cinco períodos distintos e caracterizamos cada um desses períodos com os termos que melhor descrevem a significação das etnografias naqueles períodos: 1) Curiosidade (1856 até 1901), 2) O domado, preso e classificado (1902 – 1920), 3) Exotismo (anos 1920), 4) O dominável, subjugado e colonizável (meados dos anos 1930) e 5) As raças inferiores e subjugadas (depois de 1939).

a) Curiosidade: de 1856 até 1901.

O período que se estende de 1854, ou melhor, de 1856 quando foi inaugurado o primeiro prédio do museu, até 1901, é pouco documentado no que concerne à coleção etnográfica. Naquele prédio, erguido a partir de um grande esforço financeiro da burguesia hanoveriana (ver figura 1), a pequena coleção de peças etnográficas foi visualmente marginalizada no conjunto das pinturas e dos outros objetos da aristocracia reinante, dos artefatos da arqueologia regional, da história humana e história natural. Era muita “civilização”, “alta” cultura regional e nacional, burguesa e real, contra pouca “cultura primitiva”. Foi no início quantitativamente esmagada pela imponência e quantidade dos objetos nacionais. O espaço concedido ao “outro” era pequeno e a coleção migrava periodicamente pelo prédio. Através desta relação quantitativa, constrói-se uma primeira

impressão da leitura destes objetos dos “outros” no contexto cultural do museu de Hanôver. O atributo de “provisório” acompanhou durante essa época tanto a exposição quanto a responsabilidade administrativa da coleção, que foi exercida, durante muito tempo, pela Associação para a História Natural: etnografia como parte da História Natural.

Nos guias da cidade e do museu, raramente se mencionava a coleção etnográfica. Quando isto se dava, destacavam-se as peças de alta “qualidade” material e artística, como por exemplo a coleção de armas do Arquipélago Malaio. Na apresentação, predominava uma perspectiva “pré-científica”, oriunda das antigas câmaras de curiosidades, onde se contemplavam curiosidades e coisas estranhas, maravilhas do outros mundos. Não foi feita a tentativa de dar sentido aos objetos, nem politicamente, como na época das exposições coloniais, nem cientificamente, como aconteceu no contexto da mania classificatória do início do século XX. Os objetos, principalmente os destacados, ainda não apareceram como uma massa domada, como o foram posteriormente, e dispunham ainda de características individuais. Neste período, valoriza-se mais o objeto individual, classificava-se menos, demonstrava-se diversidade, maravilhava-se com o curioso. Porém, a inserção do “outro” no museu carregava em si uma mensagem muito forte. O nacional e o local triunfavam, dominavam e esmagavam o mundo ultramarino. As artes; o material, o espírito e os grandes homens da nação e da região comandavam o museu. O mundo, na visão apresentada, era um mundo das maravilhas da própria cultura, que deixava pouco espaço para o “outro”, embora não o discriminasse consciente ou abertamente.



Figura 1: Museu das Artes e das Ciências em Hanôver, onde a coleção etnográfica foi mostrada entre 1856 e 1901⁴.
Fonte: Schnell, 1858

⁴ As demais imagens do texto foram obtidas no acervo de imagens do Departamento Etnológico do *Landesmuseum Hannover*. O autor agradece à diretora do Museu, Dr. Katja Lembke, pela permissão de publicar estas fontes.

b) O domado, preso e classificado: 1902 até 1920.

Desde a segunda metade do século XIX, os acervos do museu não pararam de crescer. Acima de tudo a coleção etnográfica, agora abastecida pela aventura colonial, deu um imenso salto quantitativo. A inundação dos museus com troféus da conquista colonial era um fenômeno nacional, da qual se beneficiou o museu de Hanôver, ainda que em muitíssimo menor escala do que os grandes museus etnográficos alemães, como o Museu Etnológico (*Völkerkundemuseum*) de Berlim. A Alemanha tornou-se então o país com o maior número de museus temáticos de etnologia. Entre 1868 e 1904, fundaram-se os nove grandes museus com esta orientação, cinco dos quais ainda construíram novos prédios para acolher o crescente acervo. Esta verdadeira explosão quantitativa dos acervos é bem documentada: por exemplo, o do Museu de Hamburgo aumentou de 1.834 peças em 1879 e para 104.533 no ano de 1915. No Museu de Berlim, somente os objetos oriundos da África aumentaram de 7.000 em 1884, ano de Congresso do Berlim, para 55.000 em 1914 (KASPER, 1989; DÖPCKE, 2004).

Em Hanôver, com grande esforço financeiro, a administração prussiana construiu um novo e muito mais imponente prédio para o museu, um verdadeiro templo das musas no estilo neo-renascentista. A nova sede foi inaugurada em 1902 com um espetáculo patriótico cultural sem precedentes. Comemorava-se a “genialidade das tribos germânicas e sua milenária história”, seu “idealismo, sua cultura e suas artes”. Mesmo no novo prédio, o museu manteve a heterogeneidade do seu acervo e das suas exposições, porém insistiu-se muito no seu enfoque sobre a cultura e a história da região⁵. Já na fase da construção do novo prédio, percebeu-se que o espaço físico projetado era muito menor do que as necessidades. Foram feitos rearranjos internos, dos quais a coleção etnográfica se beneficiou desproporcionalmente. Em vez de uma área com somente 203m² a coleção ganhou três grandes salas bem acessíveis no térreo do prédio⁶.

Entretanto, como se explica a presença da etnografia, por exemplo, a exposição de máscaras de Camarões ou de lanças do Leste Africano, num contexto determinado pela longa tradição das “realizações culturais da tribo germânica”? Que sentido tinha etnologia em um museu provincial prussiano? Diferentemente dos primeiros dias do museu, quando a curiosidade pelo mundo, o conhecimento eclético e

⁵ Ver Hannoversches Tageblatt, 15.2.1902: “Die feierliche Einweihung des neuen Provinzialmuseums”.

⁶ Ver NStAH Hann. 152, Acc. 55/68, Nr. 159: Landesdirektorium: Programm für den Entwurf zu einem neuen Provinzial Museum zu Hannover, Mai 1895. Ver também: Auffarth, 2002; NStAH Hann. 152, Acc. 55/68, Nr. 1: Sitzung des Verwaltungsausschusses des Provinzialmuseums, 31.7.1900; NStAH Hann. 152, Acc. 55/68, Nr. 159, Reimers para Landesdirektorium, 9.3.1910.

a homenagem ao rei serviam como razões para mostrar os objetos etnográficos, agora o motivo e o argumento tornam-se estritamente “científicos”. A pré-história alemã e a etnologia dos povos primitivos representariam uma unidade. Coletar-se-ia etnografia somente para melhor compreender o passado pré-histórico da região. Os objetos etnológicos deveriam ser apresentados porque representariam o estágio pré-histórico da própria Alemanha. As culturas “atrasadas” e suas manifestações culturais acumuladas no museu, como formulou o Diretor Reimers em 1910, serviriam para ilustrar os “pré-estágios” das culturas europeias⁷.

Esta abordagem tinha uma longa tradição na etnologia e na antropologia da Alemanha. Representa, de um lado, a idéia de uma fundamental unidade da humanidade, que diferia das abordagens das ciências das raças, que procuravam desesperadamente diferenças, inclusive as biológicas (BASTIAN, 1991; BERGHAUS, 1876; KASPER, 1989). De outro lado, mostra um simples evolucionismo, um auto-centrismo e uma certa arrogância cultural: a própria sociedade e cultura se tornaram critério e norma na classificação de outras culturas ao longo de uma escala evolucionista. Mesmo assim, representa um raciocínio científico, justificando a presença do “outro” na província prussiana e dando um significado claro e inequívoco aos objetos etnográficos: eles servem para explicar e ilustrar o passado – como parte da história da humanidade – da região e das suas populações.



Figura 2: O Provinzialmuseum na década de 1910.
Fonte: acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

⁷ Ver NStAH Hann. 152, Acc. 55/68 Nr. 159: Reimers para Landesdirektorium, 9.1.1910.

Entretanto, este conceito nunca foi colocado em prática e a exposição etnográfica até o início dos anos 1920 seguia princípios contrários e poucos tematizados. De um lado, apresentava-se o acervo etnológico classificado e sistematizado por critérios regionais, étnicos e funcionais. Tudo que o mundo científico inventou para classificar e diferenciar culturas “primitivas” se aplicava: era “ciência pura” – porém, a ponte para a pré-história alemã nunca foi construída. De outro lado, uma vez que ainda não se separava a reserva técnica da exposição em si mesma, os 180 armários ficavam tão superlotados que a abundância do material virtualmente sufocava o público e impossibilitava qualquer compreensão ou mensagem “didática” consciente. Os jornalistas observaram isso com frequência: muitos registram que a maioria do público simplesmente ignorava esta massa de objetos. Não se compreendia a exposição, não se tomava conhecimento dela. O público passava sem olhar, deixando as salas vazias e abandonadas⁸. Mesmo depois do Diretor Reimers ter decretado o fechamento temporário da exposição em 1907, para facilitar a sua reestruturação e a colocação de legendas de identificação dos objetos, a situação não melhorou⁹.

A prática expositiva encontrava-se assim distante da idéia de vincular a etnologia à pré-história, isto é, de construir estes significados “científicos” sobre o mundo e a humanidade através da exposição de objetos etnológicos. O que apareceu nas mentes dos curadores como representação nunca foi realizado. Somente nos anos 1920, quando a exposição permanente da etnografia já tinha saído do museu principal, o então Diretor e Chefe do Departamento de Etnologia e Pré-história, o arqueólogo Karl Hermann Jacob-Friesen, desenhou e montou alguns painéis na exposição da pré-história, que comparavam técnicas aplicadas naquela época com técnicas de povos “primitivos” do tempo atual.

Porém, a monotonia da exposição, seu arranjo, a superlotação dos armários e a abundância esmagadora de material constante do acervo carregavam um significado forte, embora simbólico. Seria um significado atribuído mais inconsciente do que conscientemente pelos curadores. Eles criaram o mundo simbólico da subjugação real e científica dos povos colonizados – embora a palavra colônia quase nunca tenha aparecido na exposição até a Primeira Guerra Mundial. Petrificados, trancados na prisão do armário, decifrados, explicados com pouquíssimas palavras, classificados, domados e dominados, insignificantes na massa – assim foram apresentados os

⁸ Ver NStAH Hann. Des. 151, Nr. 75 (Aufstellung und Beschriftung der Sammlungsgegenstände).

⁹ Ver Provinzialmuseum, 1909. NStAH Han. Des. 151, Nr. 75 (Aufstellung und Beschriftung der Sammlungsgegenstände).

objetos etnográficos. Esta apresentação simboliza a dominação e a supremacia da ciência sobre as “crenças irracionais e pré-científicas”, bem como a subjugação dos povos colonizados pela metrópole. Os acervos dos museus etnológicos (como aquele de Hanôver) não somente se abasteciam nas colônias, mas também reuniam os troféus da conquista colonial e retiravam, com a força da classificação, qualquer vestígio de cultura autônoma significativa. A sistematização, decifração e classificação dos “objetos etnográficos”, dentro dos sistemas de pensamento ocidentais e da ordenação mental do mundo e dos seus fenômenos, significam o adestramento do “selvagem”. O museu apresentou uma dramática visualização desta dominação e dominação mental e intelectual do outro.

c) Exotismo: os anos 1920

O desfecho da Primeira Guerra Mundial, a revolução e a instalação de um regime republicano e democrático na Alemanha tiveram um impacto profundo na política, na vida social e também na cultura. As liberdades políticas se manifestaram numa verdadeira liberação cultural que caracterizou essa década que antecedeu a tomada do poder pelos nacional-socialistas e que foi, sem dúvida, um dos períodos mais culturalmente férteis da história alemã. O museu se abriu a estas novas tendências tanto nas artes quanto no que concerne à identidade do próprio museu: uma perspectiva elitista de educação num templo de musas deu lugar ao conceito de educação popular (*Volksbildung*). Os principais idealizadores dessas mudanças foram o Diretor do Departamento de Pré-história e Etnologia, e Diretor geral do museu desde 1924, Karl-Hermann Jacob-Friesen e o Diretor da Galeria das Artes, Alexander Dörner. Começou então a separação entre a reserva técnica e as próprias exposições, que agora foram desenhadas para conduzir a uma experiência de aprendizagem (JACOB-FRIESEN, 1929; KUNTZ, 1980; KURZYNSKI, 1995). “Os museus”, reiterou Jacob-Friesen, “devem desistir do seu caráter de armazém de material e devem se transformar numa escola permanente para adultos, orientada por princípios pedagógicos. Museus devem mediar entre ciência e o público e suas exposições devem seguir a lógica de um manual científico” (JACOB-FRIESEN, 1927, p. 89).

No entanto, para a coleção etnográfica, o período pós-guerra começa com um desastre. Como parte de uma malsucedida reforma e reorganização da paisagem museológica da cidade de Hanôver, a coleção perdeu seu espaço físico de exposições permanentes. A coleção foi guardada no depósito (reserva técnica) e somente reapareceu ao público parcialmente em quatro ocasiões entre 1924 e 1933 (JACOB-FRIESEN, 1919). Porém, estas quatro exposições demonstraram um novo espírito na

apresentação do acervo e atrelaram novos significados aos objetos. Estas quatro exposições foram: “Arte Exótica” (1922), “Exposição sobre Oceania” (1926), “Exposição sobre têxteis pré-colombianos de Peru” (1927) e a “Exposição de cópias de pinturas rupestres da África” (1933). O Diretor Jacob-Friesen manteve, em diversas publicações e declarações, a idéia da comparabilidade dos objetos etnográficos com aqueles da pré-história alemã como principal justificativa da presença do “outro” no *Provinzialmuseum*, porém, mais uma vez, esta perspectiva não se manifestou na prática museológica. Em vez disto, os principais fios condutores na época na apresentação dos objetos foram o exotismo e a arte.

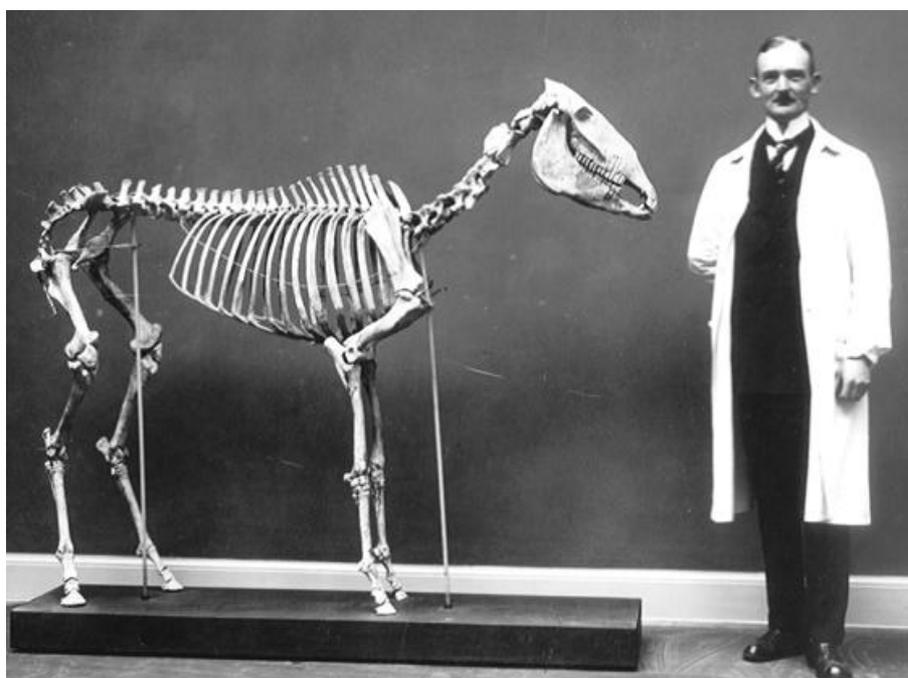


Figura 3: Prof. Dr. Jacob-Friesen, Diretor do Museu e do Departamento de Pré-História e Etnologia de 1924 até 1953.
Fonte: Acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

Estas exposições com objetos do acervo etnológico nos anos 1920 diferiram fundamentalmente das exposições anteriores, tanto no que concerne à didática (agora uma cuidadosa escolha de poucos objetos em vez da massa não-diferenciada), a encenação dos objetos (por exemplo, a criação de um ambiente exótico com palmeiras) e a construção de um novo contexto de leitura dos objetos: arte “primitiva” e exotismo. A maior dessas exposições, aquela do ano de 1920 sobre a Oceania, é bem documentada com fotografias. Ela se destaca pela encenação exótica e romântica, pela individualização de muitos objetos e pela configuração harmônica das vitrines.



Figura 4: A exposição de 1926 sobre a Oceania.

Fonte: Acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

Exibir “arte primitiva” nos anos 1920 representava uma certa concessão ao espírito da época (*Zeitgeist*) sobre as artes, principalmente ao cubismo e à arte abstrata, porém, para o museu, significava uma reviravolta fundamental. Apresentam-se os mesmos objetos etnográficos do que antes, mas o significado ali implícito era agora bastante diferente. A nova técnica de apresentação, os armários pintados em cores vivas, com seus arranjos estéticos, com os objetos soltos, as palmeiras e os espaços livres, permitiam aflorar uma outra visão, mais positiva e liberal, tanto sobre o mundo “primitivo” quanto sobre o mundo em si mesmo. A classificação rígida em uma prisão científica superlotada foi substituída pelo romantismo, por emoções, inspiração e imaginação artísticas. Liberdade em vez de subjugação – esse teria sido o novo significado que os objetos transmitiam para uma sociedade que conseguiu se libertar do autoritarismo, militarismo e da repressão prussiana.

Porém, a técnica da apresentação ainda se diferenciava daquelas de exposições artísticas do período pós-Segunda Guerra Mundial. O objeto não chegou a ser completamente individualizado e também não isolado da explicação da sua função. Da mesma forma, critérios estéticos não chegavam a ser tematizados abertamente.

Outro fator que também teve um grande impacto sobre esta nova forma de significação dos objetos etnológicos era o ambiente imediato no museu. Depois da Primeira Guerra Mundial, a cidade de Hanôver se destacou na recepção de novas

tendências nas artes, por exemplo, do Dadaísmo, e chegou a ser considerada nos anos 1920 uma espécie de “capital da arte abstrata”. O *Provinzialmuseum* também abandonou, por um momento, a sua vocação conservadora e, impulsionado pelo Diretor da sua Galeria das Artes, Alexander Dorner, se transformou num foco das artes modernas e abstratas na cidade, culminando na criação do reconhecido “Gabinete Abstrato” pelo artista Lissitzky em 1927 (FLACKE-KNOCH, 1985). Esta perspectiva progressista e inovadora na recepção e integração das Artes Modernas criou um novo e mais aberto ambiente no museu e deve ter refletido na leitura dos objetos etnográficos expostos ao lado da Arte Moderna.



Figura 5: A exposição de 1926 sobre a Oceania: vitrina.

Fonte: Acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

d) O dominável, subjugado e colonizável: os anos 1930.

Entretanto, uma nova reviravolta se avizinhava, planejada até antes da tomada do poder pelo nacional-socialismo, mas realizada somente depois em 1935 e em 1939. O impacto da tomada do poder pelo Nacional-socialismo na cultura parecia fundamental, porém a “sincronização” (*Gleichschaltung*)¹⁰. dos conteúdos do museu demorou um pouco a se realizar. Por exemplo, somente em 1937 Dorner desistiu e emigrou para os Estados Unidos. Neste mesmo ano, o “Gabinete Abstrato” foi desmontado e se iniciou o confisco de quadros de “arte degenerada” (*Entartete Kunst*).

¹⁰ Ver Dietzler, 1981, p. 157-178; Kulturring. Mitteilungen d. Kulturvereine in Hannover. Kampf Bund für Deutsche Kultur, Ortsgruppe Hannover. Hannover Bund, 1928-1934. Kulturring; Mitteilungen der Kulturvereine in Hannover. Hannover: Kulturring, 1934-2000.

Dorner foi a única vítima nacional-socialista entre os funcionários do museu. Os outros, principalmente o seu Diretor Jacob-Friesen se adaptaram ao novo ambiente político ou até receberam bem o fim da República de Weimar e a “revolução nacional”.

Depois de 1933, iniciou-se um novo ciclo de apresentação dos objetos etnográficos, ciclo este que havia sido planejado até antes da chegada do nacional-socialismo ao poder: as chamadas exposições coloniais. A coleção etnográfica chegou a ser utilizada para fins políticos explícitos: serviu para decorar o suposto direito da Alemanha a “ter devolvidas” as “suas” colônias, isto é, o direito de subjugar e explorar as sociedades de origem destes objetos etnográficos. A partir daí, encenou-se com os mesmos objetos, que anteriormente embelezaram o mundo exótico, e pelas mesmas técnicas didáticas progressivas, um significado bem diferente: aquele do domável e dominável, conquistável e subjugado.



Figura 6: Vitrina da exposição colonial de 1935.

Fonte: Acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

Depois da perda das colônias na Primeira Guerra Mundial, formou-se na Alemanha um movimento de revisão colonial entre a direita política que, depois de 1933, chegou a ser engolido e “sincronizado” pelo nacional-socialismo. Este revisionismo ou revanchismo colonial fazia parte integral da direita nacionalista e chegou a ser apoiado, nos primeiros anos depois do Tratado de Versalhes, por muitos etnólogos e curadores renomados. Quando o Nacional-Socialismo assumiu o poder em 1933, muitos colonial-revanchistas se uniram ao Partido Nacional-Socialista e se sentiram, apesar de certas diferenças ideológicas, fortalecidos em sua causa. Porém, o Estado de Adolf Hitler tratou a revisão colonial de uma forma bastante oportunista e

até às vezes ambígua, principalmente na sua relação com a Grã-Bretanha. Além de sua função na política exterior, a questão colonial desempenhou também um papel relevante no condicionamento ideológico da população alemã. Por isso, a propaganda colonial popular não seguiu as ondas táticas da política exterior e foi, especialmente depois de 1935, um elemento permanente na “guerra ideológica” do regime, envolvendo um grande esforço de mobilização popular (GRÜNDER, 2000; HILDEBRAND, 1969; STOECKER, 1977).

Os museus deram a sua contribuição à causa e as suas coleções e objetos etnográficos foram utilizados na propagação da idéia do direito alemão à subjugação colonial. O *Provinzialmuseum*, rebatizado como *Landesmuseum* em 1933, reorientou a sua coleção etnográfica completamente para esta finalidade do revisionismo colonial. Participou, em 1934, com muitos objetos numa exposição colonial do Partido Nacional-socialista e organizou duas grandes exposições coloniais próprias, uma de 1935 até 1938 no antigo castelo da cidade (*Leinenschloss*) e outra no prédio do museu a partir de 1939.

Ambas exposições eram quase idênticas, mas somente sobre a primeira existe uma documentação fotográfica. A estrutura das exposições, a sua didática e a divisão temática do espaço eram bem parecidas. Na abertura da exposição, na primeira sala, encontravam-se as reivindicações colonialistas, citações de Adolf Hitler e de outras figuras do revisionismo colonial. Depois vinha a exposição dos “heróis” do colonialismo alemão, seguida por painéis, mostrando a relevância econômica das ex-colônias. Nas outras salas, montava-se uma exposição etnográfica com objetos das ex-colônias. Essa exposição era moderna no sentido de se que se aplicava a nova didática museológica. Eram duas exposições didaticamente modernas, porém com conteúdo reacionário. Planejava-se uma interação na significação entre os objetos etnográficos e as mensagens inequívocas das primeiras duas salas: o “outro” se contextualizava no direito alemão de subjugar, virou objeto desta relação violenta. A inauguração da primeira exposição como parte de um gigantesco espetáculo colonialista no mês de outubro de 1935, envolvendo líderes do Partido Nacional-Socialista e do movimento do revanchismo colonial, teve impacto também sobre a nova significação dos objetos¹¹.

Ao contrário das esperanças do museu, a exposição colonial de 1935 não foi um sucesso. Apesar de uma intensiva campanha publicitária, o público, grosso modo, ignorou a encenação “do outro” no contexto de revisionismo colonial. Como

¹¹ "Dr Carl Peters zum Gedächtnis", Hannoversches Tageblatt, 26.9.1935.

conseqüência, ela foi fechada, tendo sido reaberta apenas em 1939, no prédio principal do museu.

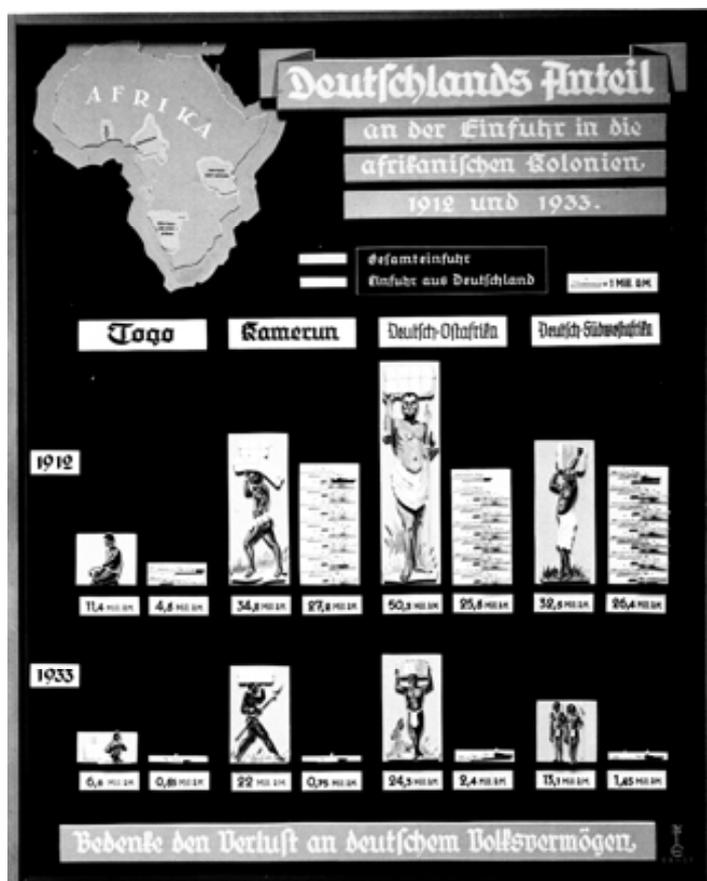


Figura 7: Cartaz de propaganda colonial – exposição colonial de 1935.
Fonte: Acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

e) As raças inferiores e subjugadas: 1939

Na sua concepção didática, esta última exposição do ciclo colonial era quase idêntica àquela exposição colonial mal-sucedida no castelo da cidade do ano de 1935. Porém, juntou-se no revisionismo colonial uma nova proposta de leitura dos objetos que, no contexto do museu, representava uma aproximação a um discurso hegemônico poderoso, bem em consonância com uma categoria central no pensamento nacional-socialista: a raça como critério de hierarquização da humanidade e os vínculos entre raça e cultura.

Para realizar esta exposição, o Diretor do Museu e do Departamento de Pré-história e Etnografia, Jacob-Friesen recorreu ao auxílio de especialistas da Universidade de Göttingen, Herbert Senge e Adolf Rühle, ambos aluno e ex-aluno do etnólogo (e Reitor) desta Universidade, Hans Plischke. Os dois se destacaram juntamente com seu professor por uma grande proximidade às teorias raciais e à política cultural do regime nacional-socialista (KULICK-ALDAG, 2000). Senge, desde 1932 membro do Partido Nazista e desde 1933 diretor local da *Kampfbund für deutsche Kultur* (“Liga de Combate para cultura alemã”) de Alfred Rosenberg, tinha sido assistente do Professor Plischke (SENGE, 1937/8; SENGE, 1938). Ele era um anti-semita convicto e radical e não fazia segredo dessa sua convicção. Rühle havia sido aluno tanto de Plischke quanto de Jacob-Friesen na Universidade de Göttingen e elaborou uma tese de doutorado que ligava questões econômicas na África com teorias raciais¹².

O que caracterizava a orientação acadêmica e política de Plischke e seus assistentes nos anos 1930 e 1940 era uma ligação entre duas vertentes de pensamento: primeiro, a relação entre raça e cultura e o deslocamento da categoria “raça” para a posição de fator decisivo na definição das diferentes culturas; segundo, seu interesse pela política colonial e uma valorização utilitarista da etnografia como uma ciência colonial prática, especialmente na manutenção da “capacidade de trabalho” das populações coloniais. O prisma da raça era prioritário para determinar a utilidade de ser trabalhador das populações nativas subjugadas pelos colonialismos. Ambas as vertentes de pensamento se encontram no contexto da exposição de 1939, pelo menos penetram profundamente os discursos de abertura. Relata o journal *Der Hannoversche Kurier*: “Rühle destacou as características raciais da população africana, que sempre tinham sido reconhecidas (...) e cultivadas pelos colonizadores alemães. (...)” Ademais, ele constatou uma interdependência entre raça, cultura e a integração específica do africano na economia colonial e recomendou a perspectiva racial nas estratégias de exploração do trabalho nativo¹³. Com o critério “raça” se vincula uma categoria chave dos discursos hegemônicos na época nacional-socialista às significações dos objetos etnológicos. Não somente se apresenta um mundo hierarquizado pelo poder, que se manifesta no suposto direito dos alemães às colônias, i.e. à subjugação de outros povos. Ainda mais, “qualidades” raciais determinam o destino humano de ser subjugado ou ser dominador.

¹² Rühle morreu na Segunda Guerra Mundial (1941). Nachruf em: „Die Kunde“, 9. Jg., H. 8, 1941, p. 155-157. NStAH Hann 151, Nr. 190 (Dienstvertrag).

¹³ Hannoverscher Kurier, 13.1.1939: „Eine neue Abteilung. Kolonialausstellung im Landesmuseum“. NStAH Hann. 152 Acc. 53/84, Nr. 10: Rühle an Verkehrsverein Hannover, 20/1/1939.

Além deste novo *topoi* de significação dos objetos etnográficos, e além dos poderosos discursos hegemônicos sobre raças na sociedade alemã, o próprio museu recriou o seu ambiente interno com a eliminação da exposição de Arte Abstrata (e “degenerada”) e, principalmente, com a instalação de uma exposição permanente sobre “higiene racial”. Este novo ambiente se refletiu, supõe-se aqui, nas leituras dos objetos etnográficos. O novo departamento do Museu, com o seu próprio diretor, Dr. Eckart, mas sob o controle do Diretor Geral, Jacob-Friesen, instalou, em 1934, uma exposição sobre a biologia das “raças humanas”, superiores e inferiores e sobre a purificação das mesmas. Combateu-se a idéia da miscigenação racial e advertiu-se sobre as chamadas raças asiáticas inferiores; o que, em 1934, provocou um protesto diplomático pelo governo polonês¹⁴.

Eine neue Abteilung

Kolonialausstellung im Landesmuseum

Am Donnerstag von Prof. Jacob-Friesen eröffnet

Das Hannoversche Landesmuseum wird in Zukunft um eine wertvolle Abteilung reicher sein. Es besaß schon lange eine Fülle von Material völkertundlicher und wirtschaftswissenschaftlicher Art aus den deutschen Kolonien, das freilich bisher im Prinz-Albrecht-Palast des Reichsloftes magaziniert und nur zum kleinen Teil dem Publikum zugänglich war. Nun ist in den unteren Räumen des Landesmuseums in fünf Zimmern eine ständige Kolonialausstellung eingerichtet, die anschaulich von Land und Leuten und von der wirtschaftlichen Bedeutung der Kolonien berichtet.

Professor Jacob-Friesen konnte am Donnerstagmorgen vor geladenen Gästen, unter ihnen der Staatsminister u. D. Spangenberg — die Ausstellung eröffnen. Sie soll, so führte er aus, einen Begriff davon geben, daß Deutschland durchaus in der Lage ist, koloniale Pionierarbeit zu leisten, oft sogar die anderen Länder darin übertrifft hat.

Dr. Kuhn, der durch die Ausstellung führte, stellte vor allem die rassistischen Eigenheiten der afrikanischen Bevölkerung heraus, die von den Deutschen stets erkannt, niemals unterdrückt, sondern stets verehrungs- und bewachtet und gepflegt wurden. In vielen wertvollen Einzelstücken erkennt der Besucher, wie sich der unterschiedliche Stammescharakter in den Wirtschafts- und Kulturformen niederschlug.

Zugleich vermittelt das Museum leicht fassliche Darstellungen, in denen der koloniale Gedanke politisch, wirtschaftlich und geschichtlich verfolgt und prägnant herausgestellt wird. Mit besonderem Interesse wird sich der völkertundlich interessierte Besucher dem Material zuwenden, das uns eindringlich über die Kulturkraft der Eingeborenen belehrt. Vom primitivsten Hausgerät bis zur kunstvoll geschnittenen Kuttmaste ist alles übersichtlich geordnet nach den einzelnen Kolonialgebieten in Staffeln aufgebaut. Die Hauptprodukte der verschiedenen Kolonialgebiete werden gezeigt. Kurz, es kann keine schönere Werbung für den Kolonialgedanken geben, als diese Schau, die jedem Besucher wertvolle Eindrücke mit auf den Weg gibt.

Hölzerne Tanzmaske aus Banum
Aufn.: Wilhelm Hauschild.

Dr. M.

Figura 8: Reportagem jornalística sobre a exposição colonial de 1939.
Fonte: Acervo de imagens do Departamento Etnológico do Landesmuseum Hannover.

¹⁴

NStAH Hann. 151 No. 212: Provinzialstelle für Bevölkerungskunde und Rassenpflege.

A “raça” como categoria usada para classificar e hierarquizar a humanidade nunca tinha entrado tão fortemente nos processos de significação dos objetos do museu. Jacob-Friesen, embora politicamente bem próximo ao ideário do nacionalismo étnico (*völkisch*), ainda em 1928 se distanciava rigorosamente de um dos seus alicerces ideológicos no pensamento científico, qual seja, o vínculo íntimo e determinante entre raça e cultura. No seu manual sobre pré-história (e etnologia), com palavras até irônicas, caracterizava as idéias de Gobineau e Chamberlain, dois principais inspiradores da filosofia racial do nacional-socialismo, com fanatismo racial, tendo, ademais também se contraposto, nesta questão, à grande figura da pré-história étnica e nacionalista, Gustaf Kossinna (JACOB-FRIESEN, 1928). Esta oposição, em nome da ciência, rendeu a ele, depois de 1933, a hostilidade de uma fração dos arqueólogos do partido nacional-socialista, porém não o prejudicou muito. Somente cinco anos mais tarde, na ocasião da abertura da exposição sobre “higiene racial”, ele se mostrou em pleno alinhamento com as perspectivas nacional-socialista sobre raça e cultura: “Jacob-Friesen declarou nas suas palavras de abertura”, relata o jornal *Niedersächsische Tageszeitung*, “que até recentemente a ciência somente focalizou a cultura em si. Porém, nos últimos anos surgiu um olhar correto sobre as intensivas relações entre a raça e as particularidades de um povo, relações sobre as quais uma verdadeira cultura se ergue” (DAS LANDEMUSEUM..., 1933). O Diretor não somente se alinou aos discursos hegemônicos sobre cultura e raça, ele também levou o *Landesmuseum* ao longo deste caminho. Os objetos culturais “do outro” que, durante todo período pesquisado, carregavam subtextos diversos sobre o mundo e a humanidade, agora foram inseridos no contexto dos axiomas da filosofia racial nacional-socialista e ali encontraram sua nova significação.

3 Conclusão

Argumenta-se neste trabalho que a autonomia do objeto etnográfico no museu é limitada. Ele não fala por si, mas faz parte de um complexo processo de significação. A vinculação do significado, além da interpretação funcional do objeto, às etnografias, se dá no museu através de processos diferentes: quase inconscientemente criando uma prisão classificatória até a Primeira Guerra Mundial, bem conscientemente através da criação de um contexto de leitura na exposição (tanto nas artes exóticas, quanto nas exposições coloniais dos anos 1930), e através de uma estratégia verbal, introduzindo a categoria “raça” em 1939. Salienta-se também o impacto do ambiente imediato – o próprio museu, com suas migrações temáticas e ideológicas, e, naturalmente (embora nem tanto fazendo parte do tema desta apresentação) o discursos hegemônicos na sociedade■

Referências

- AUFFARTH, S.; *Vom Unbehagen am Monimentalen*. Notizen zur Baugeschichte des Niedersächsischen Landesmuseums in Hannover. In: GRAPE-ALBERS, H. (org.). 150 Jahre Museum in Hannover. Hannover, 2002.
- BASTIAN, A. *Die Vorgeschichte der Ethnologie*. Berlin, 1881.
- BESKOW, H.-J. (org.). *Das märkische Museum und seine Sammlungen*. Festgabe zum 100jährigen Bestehen des Kulturhistorischen Museums der Hauptstadt der DDR. Berlin, 1974.
- BERGHAUS, A. *Das Aussterben der Naturvölker*. Leipzig, 1876.
- BODE, W. *Die Provinzialmuseen und ihre Aufgaben*. Zur Geschichte der Museen im 19. Jahrhundert 1789 – 1918. Institut für Museumsforschung, Staatliche Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz. Berlin, 2006.
- CORDIER, N. *Deutsche Landesmuseen*. Tese (Doutorado). Universidade de Bonn, 2003.
- DAS LANDESMUSEUM ERRICHTET EINE STÄTTE FÜR RASENPFLEGE. *Niedersächsische Tageszeitung*, n. 258, 31.10.1933.
- DIETZLER, A. Zur Gleichschaltung des kulturellen Lebens in Hannover 1933. In: DIETZLER, A. et. al. (Orgs). *Hannover 1933*. Eine Grossstadt wird nationalsozialistisch. Hannover, 1981. p. 157-178.
- DÖPCKE, W. Como chegou a arte africana na Alemanha? A exposição Arte da África e o colonialismo alemão. *Estudos Afro-asiáticos*, v. 26, p. 10-28, Rio de Janeiro, 2004.
- FLACKE-KNOCH, M. *Museumskonzeptionen in der Weimarer Republik: die Tätigkeit Alexander Dorners im Provinzialmuseum Hannover*. Kulturwissenschaftliche Reihe 3. Marburgo, 1985.
- GRAPE-ALBERS, H. (Org.); *Das Niedersächsische Landmuseum zu Hannover*. Hannover, 2002.
- GRÜNDER, H. *Geschichte der deutschen Kolonien*. 4a. ed., Paderborn, 2000.
- HALL, S. (org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London, 1997.

- HILDEBRAND, K. *Vom Reich zum Weltreich. Hitler, NSDAP und koloniale Frage 1919-1945*. Munique, 1969.
- HOCHREITER, W. *Vom Musentempel zum Lernort. Zur Sozialgeschichte deutscher Museen 1800-1914*. Darmstadt, 1994.
- JACOB-FRIESEN, K. H. Das Museum im Dienste der Volksbildung. In: RECHE, O. (Org.). *In Memoriam Karl Weule*. Leipzig, 1929. p. 365-372.
- JACOB-FRIESEN, K. H. *Grundfragen der Urgeschichtsforschung, Stand und Kritik der Forschung über Rassen, Völker und Kulturen in urgeschichtlicher Zeit* Festschrift zur Feier des 75jährigen Bestehens des Provinzial-Museums. Hannover, 1928.
- JACOB-FRIESEN, K.-H. (Org.). *Hundert Jahre Niedersächsisches Landesmuseum zu Hannover 1852 – 1952*. Im Auftr. des Niedersächsischen Kultusministeriums. Hannover, 1952.
- KARP, I.; KRATZ, C. A.; SZWAJA, L.; YBARRA-FRAUSTO, T. (Orgs). *Museum frictions: public cultures, global transformations*. Durham, 2006.
- KASPER, B. *Die Gründung der ersten deutschen Völkerkundemuseen im 19. und frühen 20. Jahrhundert: institutionelle und wissenschaftshistorische Voraussetzungen*. Diss. (Mestrado). Johannes Gutenberg Universität. Mainz, 1989.
- KATENHUSEN, I. 150 Jahre Niedersächsisches Landesmuseum, in: GRAPE-ALBERS, H. (Ed.). *Das Niedersächsische Landesmuseum zu Hannover*. Hannover, 2002.
- KAZEEM, B.; MARTINZ-TUREK, C.; STERNFELD, N. (Orgs.). *Das Unbehagen im Museum: postkoloniale Museologien, Verein Schnittpunkt - Ausstellungstheorie & Praxis*. Wien, 2009.
- KULICK-ALDAG, R. *Die Göttinger Völkerkunde und der Nationalsozialismus zwischen 1925 und 1950*. Münster, 2000.
- KUNTZ, A. *Das Museum als Volksbildungsstätte. Museumskonzeptionen in der Volksbildungsbewegungen zwischen 1871 und 1918 in Deutschland*. Marburg, 1980.
- KURZYNSKI, K. Von. Zwischen Wissenschaft und Öffentlichkeit. Zur Geschichte der archäologischen Ausstellung im Niedersächsischen Landesmuseum Hannover. *Die Kunde* N.F. 46, 1995, p. 157-172.
- MLYNEK, K.; RÖHRBEIN, W. R. (Orgs.). *Geschichte der Stadt Hannover*. Vol 2: Vom Beginn des 19. Jahrhunderts bis in die Gegenwart. Hannover, 1994.
- PROVINZIALMUSEUM HANNOVER*. Führer durch die Sammlung für Völkerkunde, bearbeitet von Paul Hambruch. Hannover, 1909.
- SCHERER, V. *Deutsche Museen: Entstehung und kulturgeschichtliche Bedeutung unserer öffentlichen Kunstsammlungen*. Jena: Diederichs, 1913.
- SCHNELL, F. *Das Museum für Kunst und Wissenschaft in Hannover*. Hannover, 1858.
- SENGE, H. Jüdische Mitarbeit an einem Lehrbuch für deutsche Studenten. Resenha de Preuss "Lehrbuch der Völkerkunde". *Niedersächsische Hochschul-Zeitung*, Heft 2, p. 17-19, 1937/8.
- SENGE, H. Das Museum und seine Aufgaben in Vergangenheit und Gegenwart. *Niedersächsische Hochschul-Zeitung*, Heft 1, p. 9-10, 1938
- SMITH, W.D. *Politics and the Sciences of Culture in Germany 1840-1920*. New York, 1991.
- STOECKER, H. (Org). *Drang nach Afrika*. Die koloniale Expansionspolitik und Herrschaft des deutschen Imperialismus in Afrika von den Anfängen bis zum Ende des Zweiten Weltkrieges. Berlin-Leste, 1977.

Recebido em 14.09.2011

Aceito em 23.10.2011